



the stone roses  
**THE STONE ROSES**

recontado por  
**ANDRÉ TARTARINI**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

The Stone Roses  
**THE STONE ROSES**

recontado por

**ANDRÉ TARTARINI**

---

MAIO DE 2008  
VOLUME 64

**MOJO**  
BOOKS

---

the stone roses  
**THE STONE ROSES**

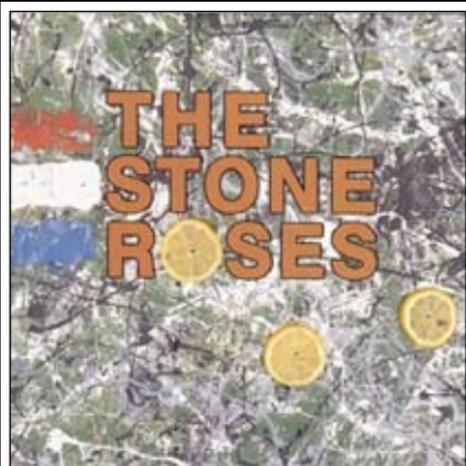
recontado por

**ANDRÉ TARTARINI**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **JUAREZ RICCI**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. I wanna be adored
2. She bangs the drums
3. Elephant stone
4. Waterfall
5. Don't stop
6. Bye bye badman
7. Elizabeth my dear
8. (Song for my) Sugar spun sister
9. Made of stone
10. Shoot you down
11. This is the one
12. I am the resurrection
13. Fools gold

---

## THE STONE ROSES THE STONE ROSES

LANÇAMENTO: **1989**  
SELO: **SILVERTONE**

---



**THE STONE ROSES**

*“Uma chama não perde nada ao acender outra chama.”*

**Provérbio africano**

# 1.

Enquanto o Gordo Careca repousa tranqüilo no fundo da Torre de Cristal, imaginando que nada o ameaça, percebo que vai começar a chover. Talvez demore um pouco até que minha mãe me chame para entrar. O que o Gordo Careca não sabe é que os Palitos Iluminados estão muito próximos de sua casa. Eles viajaram a manhã inteira, passaram por várias guerras, mataram mais de mil inimigos, perderam soldados. Estão prestes a concluir seu trabalho. Agora essa chuva.

As Adoradoras continuam em sua peregrinação. Elas se reúnem em volta do Gordo Careca, confabulam entre si e o envolvem num abraço silencioso. Quase não dá para ver o corpo redondo, imóvel, dormindo confiante no fundo da Torre de Cristal. Os Palitos Iluminados se aproximam em círculos. Por enquanto não estão acesos, pois sabem cada um só tem uma chance. Quando se acendem, devem aproveitar ao máximo o momento porque não conseguirão se acender novamente. Morrem depois de apagados. São guerreiros suicidas que não hesitam em dar seus últimos segundos de vida pela tentativa de exterminar o Gordo Careca e acabar com esse ritual patético. Envolvem a Torre de Cristal, que as Adoradoras escalam. Como se

estivessem andando sobre a terra plana, elas alcançam, com facilidade, a chaminé da Torre, sua única entrada. Estão ávidas, ansiosas para se juntarem às suas amigas, que envolvem o corpo inerte e redondo num abraço coletivo. Unidas umas às outras, quase cobrem por completo seu deus, que continua indiferente. Tenho inveja dele, que nem percebe o quanto é bom ter alguém que o idolatre. Fico pensando em como era melhor quando a minha mãe me tratava daquele jeito bom, antes de aparecer o desgraçado. Agora é a ele que ela se dedica, e para mim sobram apenas as migalhas, o resto do afeto que ele recusa. Ele nem se dá conta disso, entrando em casa com aquele cheiro de mijjo, vomitando no banheiro, tirando as calças no meio da sala, derrubando as coisas.

Vem então a melhor parte. Começo a riscar os fósforos. Os Palitos Iluminados começam a se acender e avançam para a Torre. No caminho, algumas Adoradoras são mortas pelos soldados. São comidas pelo fogo das cabeças dos Palitos, que avançam organizados. Mas aí se inicia inesperadamente o ataque do céu. Bolotas líquidas enormes atingem o chão, e os Palitos Iluminados sabem que o efeito das bolotas líquidas vindas do céu será fatal para sua investida contra a casa do Gordo Careca. Uma bolota atinge em cheio a cabeça de um soldado, que cai morto. As Adoradoras correm também desesperadas, em círculos, caóticas, tentando se proteger. As que estão dentro da Torre de Cristal não se incomodam tanto, já que as bolotas enviadas pelo céu não as ameaçam, caem fora de seus limites. A Torre ofe-

rece proteção para as Adoradoras, que estão mais preocupadas em idolatrar o Gordo Careca do que com os projéteis líquidos que caem lá fora.

Minha mãe já gritou três vezes, me chamando, e eu fingi que não estava escutando. Ela sai de casa, sem paciência. Pega a garrafa plástica da minha mão e me puxa pelo braço. Quando se dá conta de que a garrafa está cheia de formigas, joga-a para longe. Percebe a caixa de fósforos na minha mão.

Estou dentro de casa, ouvindo minha mãe reclamar que se eu ficar brincando na chuva, vou acabar pegando um resfriado. Que é para deixar as formigas em paz, que elas não fazem mal a ninguém. Que estou proibido de brincar com fósforos. Que se ela souber que estou brincando com formigas ou com fósforos de novo, vou ficar de castigo.

Fico quieto, escutando. Tentando me arrepender por ter brincado com palitos de fósforo e uma garrafa plástica cheia de formigas. Fiz cara de coitadinho. Tentei fazer com que minha mãe se arrependesse por ter brigado comigo. Pensando se os Palitos Iluminados conseguirão mesmo invadir a Torre de Cristal do Gordo Careca. Entro em meu quarto calado, preocupado. Mas lembro que ainda tenho duas caixas de fósforos embaixo da cama e uma garrafa de plástico escondida no quintal. Os Soldados de Fogo não desistirão até que acabem de uma vez por todas com o Homem Mau.

## 2.

O Gordo Careca está bêbado de novo. Chegou rindo, e parece que desta vez não vai me bater. Quando ele chega assim, trata minha mãe como menos agressividade; ela adora, fica toda envaidecida, não presta mais atenção em mim, parece que é só ele que importa, fedendo a mijó, babando, falando alto, me olhando com aquela cara de maluco. Quando ele tirou o cinto, achei que vinha bater em mim de novo, mas fiquei mais calmo quando percebi que era só para arriar as calças e entrar no quarto. Ele sempre arria as calças antes de entrar no quarto. Minha mãe fica achando graça, com cara de apaixonada, e o Gordo Careca fica apertando o corpo dela de um jeito estranho. Já percebi que ela acha engraçado porque, quando isso acontece, ela começa a rir muito. Não sei por que ele faz questão de arriar a calça antes de entrar no quarto. Acho que é só para que eu veja. Não gosto quando ele faz isso, mas nem entendo muito bem o porquê. Só não fico com mais raiva ainda porque acho que ela gosta. Aí eles vão para dentro do quarto, e ele começa a fazer um barulho, parece um cachorro latindo. Depois fica quieto. Minha mãe às vezes sai do quarto, mas geralmente fica lá, acho que dormindo. A única parte boa é que posso voltar a brincar com os meus Palitos Iluminados.

Pego a garrafa de água mineral vazia que escondi no quintal e jogo uma bala de tamarindo lá dentro. Deixo a garrafa ao lado do formigueiro, apanho com um graveto algumas formigas e as jogo dentro da garrafa. É só esperar um pouco, e já vejo uma fileira de Adoradoras entrando e saindo da Torre de Cristal. Tenho de pegar a caixa onde guardo os Palitos Iluminados. Passo ao lado da entrada do quarto onde eles dormem. O Gordo Careca está gemendo, gritando. É estranho. Fico com medo quando ouço a voz dele assim tão perto. Parece com os dias em que ele vem pra cima de mim com o cinto. A cama também faz barulho. Vou até o meu quarto e pego a caixa debaixo do colchão. Quando a abro, vejo os Palitos Iluminados alinhados, prontos para agir. Volto para o quintal e vejo as Adoradoras em festa, avançando sobre a Torre de Cristal; as que já estão lá dentro se debruçam sobre o Gordo Careca.

Agora os Soldados de Fogo não perdoarão. Cercam a Torre de Cristal. Suas cabeças vão se acendendo e eles avançam impiedosamente contra as Adoradoras que, cegas pela fé e idolatria ao Gordo, nem fogem direito. Mas, à medida que percebem o estrago de que os Palitos Iluminados são capazes, correm como loucas, sem rumo, esfregam as antenas umas nas outras, caminhando desgovernadas, e os Palitos Iluminados seguem queimando o que encontram no caminho. Sobem pela Torre de Cristal, escalam as paredes da construção transparente para efetuar o ataque final ao Gordo Careca. Nada pode detê-los. O primeiro já alcançou o topo da Torre, mas

seu tempo de fogo está acabando. Ele se joga lá de cima, e atinge algumas Adoradoras desprevenidas enquanto cai. Só que apaga rapidamente. Outros que se seguem, também ameaçados pelo pouco tempo de fogo restante, se jogam lá de cima, também sem sucesso, caem ao lado do Gordo, e nem a temperatura ainda quente de suas cabeças é capaz de promover algum estrago significativo ao ritual de adoração ao demônio redondo que se deita no fundo da Torre enquanto as Adoradoras, já esquecendo dos quatro guerreiros suicidas que se atiraram lá do alto, continuam em sua aglomeração insana. Agora já sobem pelos cadáveres apagados e continuam ali, como se nada tivesse acontecido.

Os Palitos Iluminados que ainda não subiram pela Torre resolvem por ora ficar ali em volta, queimando algumas Adoradoras. Um som forte ecoa em volta de tudo, de repente. Olho para cima. O Gordo Careca está vendo o que faço. Grita comigo. Está com o cinto nas mãos. Pergunta se sou surdo. Pergunta se não ouvi o que minha mãe disse sobre brincar de queimar formigas. Pega o cinto com a mão direita enquanto enrola a outra ponta na mão esquerda. O Gordo Careca é canhoto. Levanta a mão esquerda segurando o cinto com firmeza. Enquanto a mão dele está lá no alto, segundos antes de descer o cinto em minhas costas, fecho os olhos e tento pensar no meu mundo, no mundo dos Palitos Iluminados e das Adoradoras, tento fazer de conta que o meu mundo, que a minha guerra, que as minhas formigas e o meu fogo e a minha garrafa de água mineral e a minha bala de tamarindo

são tudo o que existe e estão sob meu controle, tento me convencer de que tudo está sob controle, enquanto o Gordo Careca bate com a fivela do cinto nas minhas costas.

Tento me concentrar, de olhos fechados, ele pensa que estou chorando, eu até choro para enganá-lo, mas estou tentando não pensar nisso. Estou deitado no chão, temporariamente morto, mas sei que vou ressuscitar e me levantar daqui. Ainda deitado, vejo o Gordo Careca se afastando em direção ao interior da minha casa. Ele leva a caixa com os Soldados de Fogo capturados. A Torre de Cristal permanece intacta, e as Adoradoras lá dentro parecem nem se lembrar da invasão dos quatro suicidas que aparentemente morreram por nada. Assim não tem graça. Morrer por nada. Morrer ou matar tem de ser por alguma razão.

### 3.

O Gordo Careca já tentou me matar várias vezes, com seu cinto em punho, descendo a fivela sobre mim. Não posso permitir que isso aconteça, e mesmo quando a minha morte está perto, encontro forças para ressuscitar. Ainda mais agora, que estou prestes a acabar com o reinado dele. Falta pouco, mas não encontro uma garrafa plástica para fazer de Torre de Cristal. Bala de tamarindo é fácil; caixa de fósforos, nem tanto. Ainda assim, sempre dou um jeito de conseguir. Garrafa de plástico não é difícil achar, mas não estou encontrando, mesmo olhando por todo o canteiro do quintal. O quarto em que o Gordo dorme com minha mãe está aberto. Ela está lavando roupa lá fora. Ele está trabalhando, ou seja o que for que ele faz quando não está aqui. Olho para dentro do quarto e vejo uma garrafa de cachaça embaixo da cama. Não é de plástico, mas é transparente. E o importante é que a Torre de Cristal seja transparente para que eu possa finalmente ver o Gordo Careca pegando fogo. Não demoro muito pensando. Já estou com a garrafa de cachaça na mão. Esvazio às pressas a garrafa jogando todo o seu conteúdo na terra do canteiro. O cheiro forte me faz ficar ansioso. Sinto-me amedrontado, mas pronto para comandar meus soldados para o ataque final.

Já tenho a garrafa de cachaça vazia nas mãos. Jogo o Gordo Careca lá dentro, pego com um gravetinho algumas Adoradoras perto do formigueiro e jogo na garrafa, que não está completamente vazia. Algumas Adoradoras começam a nadar no laguinho de cachaça onde o Gordo Careca se deita. Espero um pouco, e percebo que dessa vez as Adoradoras não conseguem se aproximar direito do Gordo Careca, por causa da cachaça que ainda resta no fundo da Torre de Cristal. Mesmo assim, os Palitos Iluminados avançam decididos. Suas cabeças se acendem. Apesar das tentativas frustradas de seus colegas do passado, os novos soldados não se intimidam. Sobem as paredes lisas da Torre e já estão lá em cima, na boca da chaminé, prontos para se atirar sobre o Gordo Careca e fazê-lo queimar de uma vez por todas.

As Adoradoras não aparecem em tanta quantidade quanto antes, mas as que se atrevem a se meter no caminho dos Iluminados sofrem as consequências. Eles estão com muita raiva, querem vingar o mundo de toda maldade do Gordo Careca. Estão em fila, perfilados para mergulhar.

O primeiro salta. Cai aceso lá embaixo, e, em vez de se apagar como antes, o fogo aumenta, a cachaça no fundo parece fazer o fogo crescer. Fico impressionado vendo aquilo, a bala de tamarindo, redonda, molhada pela cachaça, está em chamas. Um segundo soldado já mergulha e cai aceso no fundo da Torre de Cristal. O fogo aumenta. O Gordo Careca finalmente está em chamas! Estou rindo alto, vingado, destruindo o diabo gordo, invadindo seu castelo e acabando com tudo! Jogo mais um palito lá dentro e continuo

rindo, vencedor e feliz por saber que no meu mundo, pelo menos, o Homem Mau morre no fim.

## 4.

A bala esturricada ficou meio colada no fundo, mas joga água lá dentro e balanço a garrafa, balanço, balanço, balanço e a balinha vai se soltando. Ficou uma marquinha escura no fundo da garrafa, mas tenho certeza de que o Gordo Careca não vai nem perceberê-la, nem desconfiar de que seja um pedaço dele que está ali. Nesse momento, me arrependo de não ter guardado a cachaça em algum lugar para colocá-la de volta. Naquela hora era tão urgente incendiar o Gordo Careca que nem pensei direito, agora o jeito é mesmo substituir a cachaça da garrafa pelo álcool de cozinha embaixo da pia. Também acho que ele nem vai desconfiar.

A garrafa de cachaça com álcool já está no quarto, no mesmo lugar de antes, como se ninguém tivesse mexido. Antes de guardar a Torre de Cristal em seu lugar, ainda dei mais uma olhadinha no fundo, e me lembrei feliz da bolota marrom ardendo no meio do fogo dos Palitos Iluminados. Agora tudo faz mais sentido. Os soldados morreram por uma razão. Acabaram com o Gordo Careca. Volto para o quintal sem vontade de brincar com fogo, ou com formigas, ou com garrafas de plástico e balas. Está tudo resolvido. Respiro com facilidade. Vou para perto de minha mãe, que bate as cuecas do Gordo Careca no tanque, e parece que ela está batucando, de tão ritmado

que é o seu trabalho. Mas não, são só as cuecas mijadas do Homem Mau. “Tum, pá! Tum, tu-tum pá! Tum, pá! Tum, tu-tum pá!” Parece música, um ritmo marcado de que ela nem se dá conta, finjo dançar enquanto ela bate e esfrega as cuecas do gordo no tanque. Estou feliz, vingado e feliz. Estamos rindo, aproveitando nosso momento, antes que ele chegue com mais uma cueca mijada para ela lavar. Por enquanto somos só eu e ela, e está tudo bem. Minha mãe ri de mim, o sol ilumina nossas caras, penso que algum dia vou poder pagar as contas dela e fugiremos para longe. Ela me disse outro dia, depois de apanhar dele, que só atura tudo isso porque ele paga as nossas contas, nossa comida, nossa água. Ela precisa me dar comida, e isso custa dinheiro. Acho que não é só isso. Acho que ela gosta muito dele, apesar de ele machucá-la com o cinto, como faz comigo. Eu sei que Elizabeth é nome de rainha, mas parece que esse nome não vale nada para minha mãe. O trono em que ela se senta é uma poltrona suja, onde o Gordo Careca já dormiu mijado mais de uma vez. Esse trono mijado em que ela se senta para descansar não a merece. Vejo que ela, por curtos momentos, se sente mesmo como uma rainha, quando ele a trata com um mínimo de respeito, mas essa sensação é falsa. Preciso fazer alguma coisa. Preciso destituí-la desse trono falso. Não sei o que farei, mas não posso descansar enquanto ela não acordar para isso, e para acordar é preciso que algo aconteça. Isso não consigo entender direito, mas, mesmo sendo criança, sei que não devo perder esse momento pensando nessas coisas. Ela batuca num ritmo legal e

eu danço, faço-a rir. “Tum, pá! Tum, tu-tum, pá! Tum, pá! Tum, tu-tum, pá! Tum, pá! Tum, tu-tum, pá!” Também estou sorrindo, sacudindo meu corpo de um jeito engraçado, e ela percebe que é o ritmo dela ao batucar com as cuecas que gera a música que estou dançando, e começa a rir mais ainda, sem parar de bater. Ela não escuta, mas, quando me balanço com mais vontade, ouço os meus melhores amigos, os Palitos Iluminados, dançando comigo, sacudindo-se dentro da caixa no meu bolso.

## 5.

Adormeci rindo. Naquela noite, ouvindo só o som do ventilador ritmado, balançando o lençol jogado de um jeito gostoso sobre mim, acreditei que era realmente possível lidar com os riscos de maneira controlada. A existência dele não impedia que a minha existência seguisse seu curso. Bastava saber lidar com isso da melhor maneira. Sem sentir, fui me vendo com minha mãe, andando pelo quintal, rodeados de Formigas Adoradoras, que andavam em volta de nós. Tochas gigantescas em círculo à nossa volta iluminavam tudo. Não nos atacariam. Os Palitos Iluminados são meus amigos. Estão ali para nos proteger, e as Adoradoras agora adoram a mim e a minha mãe. Estamos rindo. Percebi que eu poderia fazer minha mãe voltar a me tratar da mesma maneira como me tratava antes de tudo isso acontecer. Antes de o Gordo Careca aparecer na sala com aquela caixa de bombom. Pouco tempo depois já estava sem camisa, tirando meleca, fedendo a mijão, sentado na poltrona da sala, mandando minha mãe esquentar o almoço. De repente, algumas coisas ficaram muito claras para mim. Estranho como ainda não havia pensado nisso. Seria na ausência dele – e ele estava sempre ausente – que eu executaria meu plano. Eu seria adorado por ela novamente. Na ausência dele, eu aproveitaria para mostrar a minha mãe o óbvio: era de

mim que ela deveria gostar. Não dele, não daquela barriga grande e daquela careca, aquele cheiro de cachaça que ficava como um rastro por onde ele passava, e que me tira desses pensamentos quando ele entra fazendo muito barulho. Acordo. Escuto quando ele abre a porta com raiva, xingando a porta de “filha da puta, porta desgraçada, porta do inferno”. Ouço um barulho alto, acho que ele está chutando a porta. Minha mãe se aproxima e tenta acalmá-lo; não adianta. Ele está com muita raiva hoje. Algo é arrastado, talvez a mesa. Minha mãe grita. Acho que ele está batendo nela de novo. Aperto meus ouvidos com as mãos. Aperto meus olhos e tento fazer com que aquilo tudo suma. Fico um tempo assim, encolhido na cama. Meus olhos estão fechados com muita força. As mãos abafam os gritos de minha mãe, mas não consigo apagar aquilo da maneira como desejo. Ele ainda está lá, do outro lado da porta, fazendo alguma coisa de que ela não gosta. Saio do quarto com uma raiva que eu não sabia existir em mim. Avanço na direção dele; nem percebo que minha mãe está só de calcinha e ele está em cima dela. Pego uma vassoura e tento bater nele. Ele larga minha mãe e avança sobre mim. Toma a vassoura da minha mão e é com ela que me bate. O cabo duro desce sobre meu ombro, sobre minhas costas, sobre minha cabeça, sobre tudo, não consigo afastar meu pensamento dali, desta vez os Palitos Iluminados não me valem de nada, não consigo pensar neles e percebo que ele não vai parar tão cedo. Acho que ele vai realmente me matar. Minha mãe tenta fazer alguma coisa, mas ele a empurra com força e ela bate com

a cabeça na quina da mesa e desmaia. Tento levantar para ajudá-la, mas o Gordo Careca não parece muito interessado em descansar. Grita que a culpa é minha. Que a culpa é toda minha. Larga o cabo de vassoura no chão, entra no quarto, nem fecha a porta, e se deita na cama. Ainda posso vê-lo pegando a garrafa de cachaça que enchi com álcool de cozinha. Dá um gole rápido, talvez tenha sentido o gosto diferente, mas parece estar tão bêbado que nem percebe. Deita com a garrafa apoiada sobre o peito. Bebe repetidas vezes. Em pouco tempo, adormece. O álcool dentro da garrafa se derrama sobre ele, mas nem assim ele é capaz de acordar. Ronca alto enquanto a garrafa continua inundando sua cara, seu peito, sua cama, a cama em que ele dorme com minha mãe. Lembro-me dela e tento rastejar onde ela está. Meus braços doem, minhas pernas doem, mas chego até ela e vejo que, apesar de ter desmaiado, já está acordada. Ela chora, tenta me amparar. Sei que é ela quem precisa de ajuda, e não eu, sei me virar muito bem, mas finjo que preciso dela, porque sei que para ela isso é importante. Finjo precisar que ela me leve até o meu quarto. Finjo dormir para que ela acredite que me ajudou ou protegeu de alguma maneira. É pensando nisso que adormeço novamente.

## 6.

Não se passa muito tempo e acordo. Ela dorme ao meu lado. Percebo a ironia. O que a fez realmente voltar à minha cama não foi o meu plano de mostrar a ela que eu era superior. Foi ele que se mostrou inferior, foi isso que a fez fugir para se abrigar aqui, na minha cama, no meu mundo, o meu mundo que não fede a cachaça nem a mijó, nem a nada. Ouço o ronco alto dele lá no quarto.

Caminho lento, e nem poderia ser de outra forma. Ele quase me matou dessa vez, e tenho dificuldade de mexer as pernas e os braços, mas ele não sabe que aprendi a ressuscitar com os meus amigos Palitos Iluminados. Eu achava que eles só podiam se acender uma vez, mas estava enganado. Basta que outro Palito Iluminado aceso empreste sua chama para um Soldado de Fogo recobrar a força. É, você pode tirar lições até de um palito de fósforo, seu Gordo Careca desgraçado. Eu sou a ressurreição, caso você não saiba. E para que não tenha mais nenhuma dúvida, você verá a minha luz. É no meu quarto que ela dorme, eu não faço barulho de cachorro, não bato nela e nem xingo a porta de filha da puta. Estou olhando para ele, o cheiro forte de álcool de cozinha impera no quarto. A garrafa, envolvida pelo seu braço direito, repousa tranqüila. A cama está molhada, seu rosto ainda está

molhado, sua barriga enorme ainda está molhada, o álcool pinga no chão.

Pego a garrafa. O braço se mexe, querendo proteger a sua melhor amiga, mas o sono o consome e ele continua anestesiado. Cheiro o líquido e não consigo crer que ele chegou a beber isso sem perceber nada. Ainda há uma boa quantidade de álcool dentro da Torre de Cristal. Derramo tudo em cima dele, que nem se dá conta. Evito jogar no rosto para não acordá-lo, mas como ele nem se mexe, arrisco. Ele esboça despertar. Sinto um calafrio me envolver. Imagino por uns instantes se ele acorda. Mas isso não acontece. Apenas se vira para o lado e aproveito para molhar bastante o resto de cabelo que há em sua cabeça.

Está na hora. Pego a caixa no meu bolso. Abro e vejo meus amigos, os Palitos Iluminados. Estão ali, alinhados, esperando para ser acesos. Prontos para agir.

## 7.

Fico espantado quando vejo a velocidade com que o fogo se espalha. O primeiro palito mergulha no chão. Acho que fiquei com um pouco de medo de jogar um soldado diretamente em cima dele. Mas isso acaba não fazendo a menor diferença. O fogo no chão do quarto rapidamente começa a lamber o lençol da cama e as cortinas da janela. O Gordo Careca não fala nada. Quando se dá conta de que sua cama está em chamas, o fogo já está lambendo sua cara, sua barriga, sua cueca rasgada nos fundilhos e molhada de mijo. O corpo dele fede ainda mais quando está queimando. As paredes vão ficando estranhamente carbonizadas. Ainda estou dentro do quarto e — não consigo entender a razão — o fogo não me pega. Olho à minha volta: as paredes, o teto, as cortinas, a mesinha de cabeceira, tudo está pegando fogo. Menos eu. O gordo tenta balbuciar alguma coisa. Dá para ver o fogo jorrando de dentro dele, talvez atraído pela quantidade enorme de álcool de cozinha que ele guarda na barriga. Achei que fosse ficar com pena ao vê-lo dessa maneira, desprotegido, se contorcendo no fogo. Mas estou tranqüilo aqui, olhando para a sua cara, enquanto ele parece ignorar a minha presença, se debatendo, se desfazendo. Agora ele se parece mais com uma coisa mole, disforme, se derramando pelo chão do quarto como

uma gosma marrom.

Minha mãe acorda. Vem andando com dificuldade. Posso vê-la se aproximando. Apesar de muito machucada, encontra forças para ficar zangada e me puxar pelo braço, que dói por causa das vassouradas que levei, mas ela, por ora, se esquece disso. Vai me carregando com força para dentro de casa, dizendo que esta foi a última vez que brinquei com fósforos. Antes de me levantar do chão, ainda dou uma última olhada na balinha de tamarindo queimando, parece derreter devagar, meio mole, enquanto o papelão da caixa de sapato termina de se desfazer, e se transforma em outro tipo de papel, preto e fino, tão leve que o ventinho fraco que sopra é capaz de levar para longe. Enquanto me puxa para dentro, ela se preocupa em não falar muito alto, para não despertar o Gordo Careca, que sempre acorda de mau humor.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)